

A BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE COMUNIDADES DE LEITORES-AUTORES VIA WEB

artigo de revisão

Cassia Cordeiro Furtado*
Lidia Oliveira**

RESUMO

O artigo faz um recorte na literatura científica sobre a importância da leitura na sociedade atual e acentua a responsabilidade da escola e da biblioteca no incentivo a prática da leitura literária. Recomenda a formação de comunidade híbrida leitor-autor, pela biblioteca escolar, não só, através da plataforma digital, mas também, com aliança e interação entre as várias textualidades. Considera que com o uso das tecnologias participativas, a biblioteca escolar pode aproximar crianças e jovens da literatura, uma vez que seus principais usuários são os nativos digitais e convivem de forma habitual e intuitiva com o aparato tecnológico que permeia a humanidade.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Comunidade de Leitores-autores. Leitura. Escrita.

* Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. Doutoranda em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais - Universidade de Aveiro. E-mail: cfurtado@ua.pt

** Departamento de Comunicação e Artes - Universidade de Aveiro. Pesquisadora do Cetac.media. E-mail: lidia@ua.pt

I INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada pela naturalização das tecnologias nas rotinas cognitivas e sociais dos indivíduos, de tal modo que se torna habitual e intuitivo o uso das mesmas, em particular, das tecnologias da informação e da comunicação. Neste contexto, deve-se repensar o papel da biblioteca escolar na formação de leitores, levando em consideração que seus usuários se caracterizam por serem nativos digitais e têm novas expectativas acerca da biblioteca e novas competências centradas no uso da tecnologia.

É incrível que em todos os debates sobre o declínio da educação nos E.U.A. ignoramos o mais fundamental das suas causas. **Os nossos alunos mudaram radicalmente. Os estudantes de hoje não são mais as pessoas que o nosso sistema educativo foi concebido para ensinar.** Hoje em dia os estudantes não apenas mudaram de forma incremental relativamente ao passado, não mudaram simplesmente as suas gírias, roupas, adornos de corpo,

ou estilos, como tem acontecido entre as gerações anteriores. Verificou-se uma enorme descontinuidade. Poderíamos até chamar-lhe uma “singularidade” - um acontecimento que muda as coisas de tal modo que não há absolutamente nenhuma ligação com o passado. O que designo de “singularidade” é a chegada e a rápida disseminação da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX. (PRENSKY, 2001, p.1-2, tradução nossa/grifo nosso).

Só tendo em mente esta singularidade/descontinuidade geracional (nativos/imigrantes digitais) e as implicações que isso provoca na forma como os jovens encaram a leitura, a questão da partilha e a geração de comunidades é que se poderá aspirar a reflectir sobre o fenómeno contemporâneo da leitura.

Dessa forma, é fundamental trazer para o processo de investigação e de construção reflexiva de conhecimento os próprios jovens, pois, eles têm um olhar situado a partir de um prisma e de uma praxis diversa do investigador adulto, imigrante digital.

O contexto contemporâneo caracteriza-se por ser marcado por um processo de transição paradigmática, ao nível social, cultural, econômico e político.

É um período histórico que não se sabe bem quando começa e muito menos quando acaba. É uma mentalidade fraturada entre lealdades inconsistentes e aspirações desproporcionadas entre saudosismos anacrônicos e voluntarismos excessivos. Se, por um lado, as raízes ainda pesam, mas já não sustentam, por outro, as opções parecem simultaneamente infinitas e nulas. A transição paradigmática é, assim, um ambiente de incerteza, de complexidade e de caos que se repercute nas estruturas e nas práticas sociais, nas instituições e nas ideologias, nas representações sociais e nas inteligibilidades, na vida vivida e na personalidade. (SANTOS, 2000, p. 239)

Neste quadro de transição paradigmática, em que existe indefinição das fronteiras, é necessário investigar no sentido de criar ambientes híbridos, que usufruam de séculos de experiência da leitura, como ferramenta cognitiva de aquisição de conhecimentos e olhar para novos suportes e novas ferramentas, como os livros digitais e as redes sociais na Internet, entre outras, como novas formas de dar continuidade às boas práticas da leitura e da escrita a partir do ato de ler.

Com este olhar de fronteira, entre os imigrantes e os nativos digitais, é interessante vislumbrar oportunidades de interação criadora entre os leitores, que permitam potenciar as experiências das crianças e jovens, de forma a motivá-los para a leitura. A análise da questão da leitura, da biblioteca escolar e da comunidade de leitores, que são cada vez mais leitores-autores, far-se-á neste contexto de transição paradigmática, pois urge uma leitura crítica que abra novas possibilidades às existências.

2 LEITURA

A história da leitura sempre esteve atrelada ao processo de alfabetização, ou seja, fortemente vinculada à decifração de signos alfabéticos e restrita à identificação da palavra escrita. Com o avanço de estudos, no último século, o conceito de leitura teve sua amplitude alargada, compreendendo agora um processo complexo e interdisciplinar (ZILBERMAN; SILVA, 1989).

Atualmente, a temática é estudada em várias áreas do conhecimento que apresentam contribuições de destaque e o conceito de leitura sofre modificações. Entretanto, devido à sua complexidade, não é um termo de conceito simples e único.

Em particular, na área da Educação, ler ainda pode ser sinônimo de alfabetização. Tfouni (1995) refere-se à alfabetização, no âmbito individual, como aquisição de habilidade de ler e escrever, o que resulta, em regra, do processo da escolarização. Mas também, destaca os aspectos social, histórico e cultural da alfabetização, como práticas sociais de leitura e escrita, o que conceitua como letramento. O termo é muito usado na educação brasileira e é entendido como a capacidade do sujeito colocar-se como autor (sujeito) do próprio discurso, não apenas do texto oral, mas também no que se refere ao texto escrito.

Contudo, para atingir esse patamar o indivíduo (**autor/leitor/autor**) deve estabelecer elos entre a palavra e sua da compreensão da realidade. Nas palavras de Freire (1989) integrar leitura e mundo. Assim, a leitura é vista numa perspectiva existencial, na construção de sentido e na experiência crítica. Ao invés de “o autor quis dizer”, o leitor passa a ser visto como sujeito da leitura, que evolui e constrói a partir do que ler.

A sociedade atual, conhecida como Sociedade da Informação,

[...] Representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, [...]. É um **fenômeno global**, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infraestrutura de informações disponível (BRASIL, 2000, p.5).

Nesse contexto, a leitura tem um papel decisivo na vida dos indivíduos, uma vez que se constitui, ainda, o principal meio de informação, aprendizagem e construção do conhecimento e participação social.

O indivíduo, na aprendizagem inicial, deve ser capaz de ler e escrever, produzir e interpretar textos orais e escritos e participar de situações de comunicação na sociedade letrada, missão fundamental da escola (BINDÉ, 2007).

Além do que, a questão da cidadania também passa pelo domínio da leitura e escrita. O analfabeto funcional, compreendido como a pessoa que apesar de alfabetizada na escola não é capaz de entender e produzir textos, encontra dificuldades para fazer uso efetivo da leitura e da escrita nas diversas esferas da sociedade atual.

O Instituto Paulo Montenegro (2009) apresentou dados alarmantes, do analfabetismo funcional no Brasil, pesquisa realizada em 2001. Da amostra pesquisada 31% das pessoas foram classificadas no nível 1, ou seja, conseguem retirar uma informação explícita apenas em textos muito curto.

Nesse contexto, geralmente a criança, ao ingressar na escola, encontra obstáculos para passar da oralidade para a escrita, em razão do distanciamento com os textos escritos. E ao chegar à escola, a criança encontra a leitura embutida de regras e normas, restrita a frações de textos previamente escolhidos e, algumas vezes, obsoletos e desarmônicos com a realidade do aluno. A leitura no contexto escolar continua vinculada ao processo de escolarização e não como um instrumento para toda vida.

A escola se constitui como o espaço de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura e da escrita, integrado com o processo de legitimação da literatura (ZILBERMAN; SILVA, 1989). Porém, a literatura na escola é transformada em atividade didática, limitada a exercícios de vocabulário e gramática. A imposição dos temas, dos autores, do gênero, dentre outras, não conduz ao prazer do texto literário. No Brasil, os livros de literatura são usados como atividade de férias, são escolhidos previamente pelos professores, toda a classe lê o mesmo livro e, no termino (se é que a leitura é iniciada) devem preencher a ficha de avaliação.

A Fundação Abrinq, instituição brasileira sem fim lucrativo que desenvolve projetos de incentivo a leitura, conclui que

[...] muitas escolas, tanto públicas quanto particulares, não formam leitores porque nem sempre estão preparadas para lidar com a literatura e transformam o que deveria ser uma leitura prazerosa e livre em uma atividade didática, compulsória, impessoal e utilitária, afastando as crianças dos livros (FUNDAÇÃO..., 2008, p.37).

A leitura literária realizada no contexto escolar está distante do mundo das crianças e jovens e de suas das experiências pessoais. Chartier, numa entrevista em 2007, alarmou que “a escola se afastou da literatura, principalmente no Brasil [...] é papel da escola incentivar a relação dos alunos com um patrimônio cultural cujos textos servem de base para pensar a relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo” (CHARTIER, 2009).

A prática e o gosto pela leitura literária dependem fortemente da escola e cabe à mesma o incentivo desde as primeiras séries, com o uso de estratégias inovadoras e motivadores nesse processo. A escola deve “criar na sala de aula um ‘universo de leitura’”, é uma das sugestões interessantes de Sá (2004, p.19). Além de necessitar de estímulo, a formação de leitores passa pela questão de exemplos dos agentes do espaço social da criança, como professores, bibliotecários, pais e da família. Devendo haver parceria com relação à leitura; eles devem falar de suas leituras com as crianças, autores prediletos, sobre literatura, trocar opiniões, sugestões.

A formação de leitores é responsabilidade do conjunto de instituições. A escola e professores devem chamar à família para compartilhar e informá-la sobre o tipo, estilo e nível de leitura de seus filhos,

[...] sensibilizar os pais para a importância do livro e da leitura na educação, incentivando-os a adquirir livros para os filhos, a acompanhá-los na descoberta do prazer de ler e, se possível, a dialogar com eles sobre o conteúdo das obras (GOMES, 1996, p. 17).

A parceria com a família do educando é essencial, mas torna-se numa preocupação, uma vez que, em grande maioria, os pais não se constituem leitores, não sabem trabalhar o texto literário com as crianças e o livro de literatura não se faz presente no ambiente familiar. A razão para essa realidade decorre que também não foram incentivados na idade escolar, fechando assim um ciclo. Neste cenário, a escola e a biblioteca têm um papel reforçado no sentido de quebrar a reprodução social de ausência de rotinas cognitivas e sociais associadas à leitura e incentivar as crianças para serem agentes de mudança, na introdução da leitura e da literatura na rotina da família e da comunidade.

Com essa estratégia, escola, biblioteca e família estarão estabelecendo um elo essencial no desenvolvimento da prática da leitura.

Foucambert (1994) enfatiza que a leitura literária não deve ser ensinada, mas sim, facilitada através do acesso a vários tipos de textos e do desenvolvimento de atividades inseridas em uma prática social e cultural. Assim, é fundamental a participação das crianças em eventos culturais, visitas frequentes as bibliotecas, feiras de livros, museus, teatro, cinema, contato com escritores, etc.

A biblioteca escolar, inserida no sistema educacional, também coaduna com a responsabilidade pela formação de leitores. O Manifesto da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (2008) estabelece os objetivos das mesmas, em relação à leitura: Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida:

[...] Oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;

[...]

Promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor. [...] (IFLA,2008).

Assim, percebe-se a importância da biblioteca escolar no incentivo a leitura, não só da leitura didática, mas também, a leitura como entretenimento e prazer. Não se trata somente de complemento à aprendizagem formal realizada na sala de aula, mas também, e principalmente, trabalhar num contexto dinâmico e interativo, proporcionando acesso à literatura e oportunizando a leitura prazerosa.

Através do texto literário, a biblioteca escolar pode ser o portal de ligação com o mundo da criança, aproximando escola e cultura lúdica infantil, pois, segundo Brougère (2006) “há uma enorme distância - quem sabe uma oposição -, que não se pode subestimar, entre a cultura infantil contemporânea e a escola”. Para tanto, deve valer-se de estratégias originais e atividades lúdicas com o texto literário, através da união

do livro de literatura com as tecnologias de informação e comunicação.

Uma vez que a biblioteca escolar tem como público alvo as crianças e jovens deve atentar que a “geração net” nasceu e vive num contato habitual e intenso com a tecnologia (TAPSCOTT, 2009). Nesse sentido, deve desenvolver serviços e atividades unindo o texto literário impresso e digitalizado, objetivando, assim, conquista de seus usuários, visibilidade e espaço na Sociedade da Informação.

3 COMUNIDADE DE LEITORES-AUTORES

Observando a história da humanidade, verifica-se que a leitura já foi considerada uma prática coletiva, onde os letrados usavam a oralidade e, lendo em voz alta, transmitiam aos outros o conteúdo dos livros. Depois, com a leitura em silêncio, surge a leitura pessoal e introspectiva (CHARTIER, 1991). Assim, percebe-se que a leitura tem forte relação com a história e cultura, influenciando e sendo influenciada pelas transformações que afetam a sociedade.

A questão da leitura é vista por estudiosos, como Chartier e Bourdieu (1996), em uma perspectiva sócio-antropológica, uma vez que, a leitura é muito mais do que decodificação de signos lingüísticos, realizada de forma mecanicista. Considera-se a leitura um processo de atribuição de significados e sentidos, incorporados na prática humana, com base na família e sendo fortemente influenciada pelas instituições e organizações, que os indivíduos fazem parte ao longo de suas vidas, como escola, classe e grupo social, formação profissional, etc.

Chartier (1991, 1999) chama atenção para a dimensão plural da leitura, entendida como diversas maneiras de praticá-la, modelos e modos que variam de acordo com os tempos, os lugares e as comunidades. O autor ainda contesta as classificações que restringem e simplificam a leitura em categorias, como: leitores e não-leitores ou alfabetizados e analfabetos. Explica Chartier, “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (1996, p.20).

Dessa maneira, a leitura é um ato social e uma prática geradora de socialização, já que

[...] a leitura não se constitui em ato solitário, nem em atividade monológica do indivíduo, pois este indivíduo ao ler um texto, um livro, interage não propriamente com o texto, com o livro, mas com os leitores virtuais criados pelo autor e também com esse próprio autor (ROCCO, 1994, p.39).

O indivíduo sempre viveu em sociedade, ao nascer tem como primeira instituição de socialização, a família, depois passa a participar da escola, vizinhança, trabalho e outros. Destaca-se que, ao fazer parte de grupos sociais, o indivíduo começa a estabelecer e manter diversas relações com as pessoas, formando pequenos laços em sua volta, baseado em sentimentos, preferências e interesses comuns.

Com a Sociedade da Informação foram introduzidas novas formas de comunicação, agora as conexões tecnológicas, possibilitam a comunicação em várias direções, ao mesmo tempo e de formas nunca antes imaginadas. Da comunicação local, enraizada na condição espaço-temporal do sujeito, para comunicação aldeia global, acarretando alterações nas coordenadas de espaço, tempo e local, nas quais os indivíduos se envolvem. A partir de então, surgem novos conceitos e teorias, em especial na área das Ciências Sociais.

Dentre as mudanças ocorridas com o desenvolvimento tecnológico, notadamente na área da informação e comunicação, verificam-se transformações na compreensão do que antes era percebido como relações inter pessoais e comunidade. Proximidade geográfica, agrupamento físico, vizinhança e parentesco eram sinônimos do conceito de comunidade. Porém, no momento atual, passa a ser apenas uma das possibilidades de interação entre as pessoas, em virtude do notável aumento de relações mediadas pela rede de computadores, acarretando assim novos conceitos e terminologias diversas.

A vida em redes e comunidades é uma realidade na sociedade atual, nomeadamente, no contexto de crianças e jovens, que são “nativos” da geração permeada pelas tecnologias de comunicação e informação e, agora, pela convergência dos media.

Chartier conceituou comunidade de leitores como “aquelas comunidades interpretativas, cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação” (CHARTIER, 1994, p.216).

Assim, considera-se que, as tecnologias de comunicação têm possibilitado o surgimento de comunidades de leitores via *web*, nomeadamente entre os jovens. E, estas podem ser apreciadas como grupos de indivíduos com os mesmos interesses literários e com intenção de socialização destes interesses, que giram em torno de um autor e/ou uma obra literária, e usam a Internet para interação.

Segundo Eckert, Goldman, e Wenger (2009), as crianças e jovens vêm nas comunidades formas de adesão e identidade, de inserção no mundo. Considera-se que os jovens a constroem comunidade de leitores, partilham mais do que o interesse literário, socializam também gostos, práticas, expressões, etc.

Os membros de uma comunidade compartilham experiências, estabelecem relações de identidade e confiança, uns com os outros, o que contribui para a partilha e construção do conhecimento (HUYSMAN; WENGER; WULF, 2003). Em razão da participação espontânea de seus membros, as pessoas sentem-se a vontade para expor e partilhar suas idéias, mesmo não havendo nivelamento e homogeneidade de conhecimento pelo tema, pois são nutridos pela paixão e identidade.

Carvalho ao analisar uma comunidade, que usa a plataforma digital, detectou que os jovens têm prática de leitura e escrita e compartilham essa prática via *web*.

No aparente “não-fazer-nada” os jovens, em geral, lêem, anotam fragmentos do que lêem, inventam, criam textos, **escrevem livros baseados no que lêem, constroem sites dedicados ao que lêem**, produzem sociabilidades baseadas nos gostos literários (CARVALHO, 2009, p.13, grifo nosso).

Com a *web 2.0* possibilitando, além do acesso a informação, a participação, tem-se agora um novo usuário da informação: o autor e editor. Levando isto em consideração, percebe-se que as comunidades de leitores tornaram-se, neste contexto, comunidades de leitores-autores.

Reforçando o argumento, verifica-se no espaço *web* um número relevante de sites com *fanfic* construídos pelos jovens. *Fanfic* é uma abreviatura do termo inglês *fanfictions*, que são histórias escritas por fãs, com base em textos da literatura juvenil contemporânea. A partir do original eles constroem histórias modificando os

cenários, personagens e enredo. Apesar de, em algumas situações, permear a questão dos direitos autorais, de modo geral, as *fanfic* são permitidas e estimuladas pelos autores, já que nascem a partir da paixão e admiração pela trama original e, principalmente, são criadas sem visar o lucro, somente dar asas à imaginação a partir da idéia de outro, com forte sentimento de partilha.

Assim, considera-se que a leitura/escrita em comunidade, *online* e/ou *offline*, traz contribuições para estimular, produzir e reconstruir conhecimento. As atividades colaborativas em torno de um texto envolvem ações, em que a pessoa precisa explicar e/ou escrever o que pensa sobre o que leu. Tal ato acarreta resultados positivos para todos os envolvidos, tanto para quem recebe a nova informação, que entra em contato com novos conhecimentos, experiências e interpretações, como e ainda mais, para quem produz, pois tem a oportunidade de criar e expressar seu próprio conhecimento, de modo a se fazer entender por seus pares.

Como forma de incentivo à leitura e à escrita literária para crianças e jovens Celaya (2008) sugere o uso das ferramentas da web 2.0.

Há muito tempo que esses instrumentos eletrônicos deixaram de ser apenas um hobby para se tornar os principais canais de comunicação e informação das novas gerações. [...] Através destas tecnologias pode-se criar espaços para leitura e escrita mais próximo da forma como eles se comunicam, o que motiva o seu futuro prazer de ler todos os tipos de textos, em todas as mídias. (CELEYA, 2008. Tradução nossa).

4 BIBLIOTECA ESCOLAR E COMUNIDADE DE LEITORES-AUTORES

No Brasil, percebe-se que a introdução das tecnologias de informação e comunicação nas escolas tem se reduzido a aquisição e distribuição de elementos tecnológicos, desacompanhados de infra-estrutura física e humana e de projetos eficientes de modo a gerar resultados positivos e relevantes na área educacional do país. Na grande maioria dos casos, o computador vem sendo usado simplesmente como um recurso

instrumental, sendo desperdiçada oportunidade de fazer elo da cultura digital com a educação.

Portanto, considera-se que o uso dos recursos disponibilizados pela tecnologia deva contribuir para rompimento do fosso entre o sistema escolar e a vida cotidiana das crianças e jovens. E, principalmente, que os educadores devam aproveitar o capital social que os mesmos possuem com relação à tecnologia para trabalhar e aprender juntos em um projeto colaborativo. “Pela primeira vez, são as crianças as que melhor dominam um novo aparato tecnológico e estão na ponta de um processo transformador que atinge, cada vez mais, áreas da vida cotidiana” (AMARAL, 2008, p.45).

Comparado com Japão, França, Espanha, Itália, Reino Unido, Estados Unidos, Austrália, Suíça e Alemanha, “o Brasil é o país que mais usa sites relacionados a comunidades, tanto em horas gastas nesse tipo de site quanto no número de acessos” (BRASIL, 2009).

Diante dessa realidade, coaduna-se com autores que sugerem a sua aplicação na educação. Wenger (2009) acentua que as escolas precisam proporcionar aos estudantes oportunidade para formarem comunidades, e não os isolar de muitas outras comunidades das quais os mesmos participam. Cita-se também Miskulin et al (2006) que acrescenta competir à escola conciliar conteúdo retificado com contextos de participação, permitindo assim, sentido para os alunos e valorização das oportunidades de identidade e prática em comunidades.

Assim, concebe-se a escola como uma porta viável para mostrar aos alunos que a participação em comunidades deve ser usada para o lúdico e para o aprendizado, em realce em torno da literatura, na formação de comunidade de leitores – autores.

O texto literário é mencionado por Moss e Baker (2009, p.320) como um tema atrativo e interessante para formação de comunidades no ambiente escolar.

As escolas são lugares que podem promover um claro senso de comunidade envolvendo funcionários, professores, alunos e pais. Não há melhor tema para a construção da escola-comunidade do que a alegria e a emoção de ler. (Tradução nossa)

Nesse sentido, observa-se que existe uma lacuna no espaço web, onde as crianças possam

trocar impressões, interpretações sobre textos literários, discutir a obra, permutar informação sobre autores, trocar sugestões de livros, divulgar suas recriações e, ainda, considera-se que esse espaço deve ser criado em torno da biblioteca.

A biblioteca escolar, por não estar inclusa nas exigências da legislação educacional, com relação a currículo, disciplinas, horas de aula e outras, se enquadra como o ambiente ideal para o incentivo à prática da leitura e escrita literária, em grupo e comunidade, quer no espaço web ou no recinto da mesma. Trabalhando assim com a imaginação coletiva, promovendo interesse mútuo e repertório compartilhado, tendo como instrumento a literatura.

Alguns autores e organizações já disponibilizam na *web* sites com temática envolvendo a literatura infanto-juvenil, mas pesquisas mostram que os mesmos não são conhecidos e poucos utilizados pelas crianças.

No que se refere aos hábitos na *web*, pudemos verificar que a Internet é usada para “jogos”. Foi mencionado também o acesso a *chats*, a diversos sites para realização de pesquisas e a visita a sites como de desenhos animados, de personagens, etc. Não é comum o acesso a páginas educativas ou a histórias infantis. (AREND; RAMOS, 2007)

A biblioteca escolar ao oferecer um serviço nesse contexto, tem a possibilidade de trabalhar o acervo de literatura disponível nas escolas e bibliotecas e somar a estes os livros digitalizados. Pois, considera-se que o livro em papel, mesmo com todo avanço tecnológico, continua a exercer o fascínio e encantamento nas crianças. O que se recomenda é uma sinergia entre várias textualidades.

Com o advento da *web 2.0* tem-se a possibilidade de oferecer maior motivação para a literatura infanto-juvenil, devido à convergência de múltiplas linguagens e oportunidade de espaço para criação em torno do texto literário.

É função da escola e dos meios de comunicação [e da biblioteca escolar] manter o conceito do que é uma criação intelectual e valorizar os dois modos de leitura, o digital e o papel. É essencial fazer essa ponte nos dias de hoje. (CHARTIER, 2009)

A propósito, a editora Baen Books, que publica livros de ficção “constatou que as

vendas de seus livros impressos aumentaram consideravelmente após serem publicados gratuitamente, em formato digital” (ALMEIDA, 2008, p.37). Assim sendo, a leitura de livros digitais, em sua totalidade ou somente de alguns capítulos, poderá impulsionar a presença de crianças e jovens na biblioteca.

Nas comunidades *online* o usuário participa ativamente de sua construção com a edição de textos, dessa forma, a publicação na *web* pode ser usada como estímulo para a escrita das crianças e jovens. Mesmo reconhecendo que há especificidade na leitura e escrita na Internet, destaca-se que pode haver “uma mediação entre o formalismo da escrita para a comunicação em qualquer espaço” (AMARAL, 2008, p.31), aqui incluso o ciberespaço, pois, com base em Freire (2008, p.70), “não há razão para se temer que o *internautês* domine a língua”. Além do mais, percebe-se que nos textos colocados dos sites de *fanfic* ou nos *blogs* construídos pelos jovens a escrita se apresenta, em quase sua totalidade, com gramática e grafia formal.

Enfim, a formação de comunidade de leitores-autores pela biblioteca escolar poderá contribuir para melhorar o aprendizado da linguagem e da língua portuguesa, já que “nenhuma criança [ou jovem] gostaria de apresentar um texto na internet com erros” (AMARAL, 2008, p.32).

Com base nos argumentos apresentados, considera-se que as mudanças e inovações devem ser vistas como uma oportunidade de (r)evolução do papel da biblioteca e incentivo para novos serviços e produtos, para fins de atração de seus usuários e presença no cotidiano de crianças e jovens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas recentes apontam que as bibliotecas escolares brasileiras ainda configuram uma realidade que precisa ser transformada. Campello (2009, p.100) destaca “a noção da precariedade da biblioteca escolar no Brasil, situação que vem sendo, há bastante tempo, excessivamente mencionada na literatura”, como resultado de pesquisa com bibliotecários de escolas do município de Belo Horizonte. Pesquisadores constataram, em investigação envolvendo escolas públicas de São Paulo, que:

[...] as entrevistas e as visitas realizadas durante a pesquisa mostram que a minoria das escolas realiza algum tipo de ação dinâmica entre a biblioteca e o programa escolar vigente [...]. Nas escolas em que se verificou a presença de bibliotecas, há algumas que sofrem as ações do tempo, como chuva e o vento, danificando assim o seu acervo e o seu espaço. Há bibliotecas em que se observou o fato de alguns livros estarem estragados SOUZA; GIROTTI, 2009, p.394-395).

Contudo, convém assinalar que esforços estão sendo feitos para modificar essa situação, a exemplo de iniciativas do Conselho Federal de Biblioteconomia, de projetos desenvolvidos por universidades brasileiras e de alguns programas estaduais. Consideramos também de grande valia Projeto de Lei Nº 3.044/2008, que tramita na Câmara dos Deputados, que dispõe sobre a criação e manutenção de bibliotecas escolares em todas as unidades de ensino do país e ainda que a orientação e a supervisão das mesmas deverão ficar a cargo de Bacharéis de Biblioteconomia (BRASIL, 2008).

Com relação ao acesso e uso de computadores e da Internet, no Brasil, os dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2009, revelaram uma evolução com relação aos números anteriores, entretanto somente 34,8% da população brasileira têm acesso à rede mundial de computadores.

Diante dessa realidade, “[...] o que fazer então? Esperar que as condições básicas sejam atendidas para então iniciar o projeto de disseminação da cultura digital? [E de formação de leitores?] Infelizmente, não há tempo?” (AMARAL, 2008, p. 101).

Embora a maioria dos estudos sobre o uso das ferramentas participativas na educação tenha sido feita nos Estados Unidos e na Europa, considera-se ser possível a adoção dessas experiências, com as devidas adaptações, para a realidade brasileira, em especial, com relação à rede de relacionamentos, pois, apesar de que grande parte da população brasileira não tem acesso a Internet, “Os brasileiros são avançados no uso da internet. Adotaram coisas como o Orkut e o Messenger mais que as pessoas em outros países” (GREGO, 2009).

Considera-se que um projeto de formação de comunidades leitores-autores nas escolas brasileiras, irá proporcionar otimização dos laboratórios de informática, que, via de regra, ficam subutilizados, devido à ausência de projetos educativos envolvendo a comunidade escolar. Nesse sentido, pode ser um incentivador para o uso das tecnologias participativas na educação, por parte dos professores do ensino básico.

Além do que, o contato das crianças com a tecnologia dos computadores, de forma lúdica e atrativa, colabora para o aprendizado das ferramentas da informática e conduz à inclusão digital com finalidade educativa.

A biblioteca escolar ao oferecer o serviço de comunidades de leitores, com o uso da web 2.0, amplia sua função de incentivo a leitura, pois a interação criadora entre os leitores possibilita potencializar as experiências das crianças e jovens, de forma a motivá-los para a literatura.

Além do que, a interação entre pessoas, a partilha de interesses e de informações e a construção coletiva de conhecimento oferece a ampliação das fronteiras sociais, culturais e educacionais.

Finaliza-se fazendo uso das palavras incentivadoras de Lux (2007, p.14), bibliotecária e presidente da IFLA, biênio 2007-2009; “Como bibliotecários, a nossa missão é de interferir, se possível, ou explicar aos administradores ou políticos responsáveis o papel que as bibliotecas podem ter no apoio aos seus programas”, [em especial, programas do sistema de educação e de informação].

E convidando os bibliotecários de escolas brasileiras a adotarem, com as devidas adaptações, as sugestões de Ivan Chew, no documento publicado pela IFLA, em dezembro de 2008, *Web 2.0 and Library Services for Young Adults: an Introduction for librarians* (disponível em [www.http://www.ifla.org](http://www.ifla.org)), dirigido para bibliotecários em geral, com o objetivo de fazê-los “[...] entender e decidir a melhor abordagem na utilização dos *social media* como parte de seus serviços para jovens” (tradução nossa).

Pequenas iniciativas trarão grandes contribuições para transformar essa realidade!

THE SCHOOL LIBRARY IN THE READERS-AUTHORS COMMUNITY FORMATION VIA WEB

Abstract

The article makes an indentation in the scientific literature on the importance of reading in today's society and emphasizes the responsibility of the school and library in encouraging the practice of literary reading. It recommends the formation of a hybrid reader-writer community for the school library, not only through the digital platform, but also with alliance and interaction among the various textualities. It considers that with the use of interactive technologies, the school library can get children and young people close to literature, once the school library main users are digital natives who habitually and intuitively live with the technological apparatus that permeates humanity.

Keywords:

School Library. Community of Readers-authors. Reading. Writing.

Artigo recebido em 06/11/2009 e aceito para publicação em 28/01/2010

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. O leitor navegador (I). In: SILVA, E. (Org.). **A leitura nos oceanos da Internet**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.126p.
- AMARAL, S. Internet: novos valores e novos comportamentos. In: SILVA, E. (Org.). **A leitura nos oceanos da Internet**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.126p.
- AREND, S; RAMOS, F. Leitura de narrativa literária virtual pela criança. **Hipertextus Revista Digital**, v. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo14-silvana-flavia.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2009.
- BINDÉ, J.(Org.) **Rumo às sociedades do conhecimento**; relatório mundial da UNESCO. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 3.044, de 2008**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares e determina outras providências. Disponível em: <www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=574707>. Acesso em: 20 dez. 2009.
- BRASIL é campeão mundial no uso de comunidades, diz estudo. **Folha on line**, São Paulo, 19 jun 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u414183.shtml>>. Acesso em: 2 nov. 2009.
- BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Programa Sociedade da Informação. **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília, 2000. 203p.
- BROUGÈRE, G. O interesse de estudar os Pokémons é para demonstrar que, às vezes, as crianças têm competências extraordinárias para aprender. **Zero a Seis**, n.14, ago./dez., 2006. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/1entrev14.doc>>. Acesso em: 27 jan. 2009.
- BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CAMPELLO, B. **Letramento Informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Belo Horizonte, 2009. Disponível em: www.eci.ufmg.br/gebe/?download=tese%20campello%202009.pdf. Acesso em: 2 maio de 2009.
- CARVALHO, L. **Jovens leitores d'senhor dos anéis**: produções culturais, saberes e sociabilidades. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa

de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11098>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

CELAYA, J. Innovación en el fomento de la lectura. **Jornadas de Fomento de la Lectura y Medios de Comunicación**. Aragón, 2008. Disponível em: <http://www.margencero.com/articulos/articulos4/innovacion_lectura.htm>. Acesso em: 1 mar. 2009.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

_____. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. **História da vida privada: da renascença ao século das luzes**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. **A ordem dos livros**. Brasília: UNB, 1994.

_____. Os livros resistirão às tecnologias digitais. **Revista Nova Escola**, 2007. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/pdf/0204/falamestre.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.

_____. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHEW, I. **Web 2.0 and Library Services for Young Adults: an Introduction for librarians**. s. l., IFLA, 2008. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/libraries-for-children-and-ya/publications/Web%202.0%20and%20Library%20Services%20for%20Young%20Adults%20-%20An%20Introduction%20for%20Librarians_IFLA%20CHILD-YA%20Section_Dec%202008.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.

ECKERT, P.; GOLDMAN, S.; WENGER, E. **The School as a Community of Engaged Learners**. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~eckert/PDF/SasCEL.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2009.

FREIRE, F. Formas de materialidade linguística, gêneros de discurso e interfaces. In: SILVA, E.

(Org.). **A leitura nos oceanos da Internet**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008. 126p.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Biblioteca viva: fazendo história com livros e leituras**. Disponível em: <http://www.fundabrinq.org.br/_Abrinq/documents/biblioteca/biblioteca_viva%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 12 out. 2008.

GOMES, J. **Da nascente à voz: contributos para uma pedagogia da leitura**. Lisboa: Caminho da Educação, 1996.

GREGO, M. Cérebro 2.0: efeitos da vida digital. **INFO Online**. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/professional/tendencias/cerebro-20.shtml?3>>. Acesso em 20 mar. 2009.

HUYSMAN, M.; WENGER, E.; WULF, V. **Communities and Technologies**. Kluwer Academic, 2003.

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Disponível em: <<http://www.ifla.org>>. Acesso em: nov. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 20 dez 2009.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Analfabetismo funcional**. Disponível em: <http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.01.00.00.00&ver=por>. Acesso em: 28 maio 2009.

LUX, Claudia. Biblioteca na agenda: uma questão importante para a sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.3, n.2, p.14-33, jul-dez. 2007.

MISKULIN, R. et al. Identificação e Análise das Dimensões que Permeiam a Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Aulas de Matemática no Contexto da Formação de Professores. **Boletim de Educação Matemática**, v. 19, n.26, 2006.

MOSS, K.; BAKET, P. **Creating a Community of Readers**. Disponível em: <<http://www.adi.org/journal/ss01/chapters/Chapter23-Baker&Moss.PDF>>. Acesso em: 12 maio 2009.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, out. 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

ROCCO, M. A. A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto. **Série Idéias**, n. 13, 1994.

SÁ, C. **Leitura e compreensão escrita no 1º ciclo do ensino básico**: algumas sugestões didáticas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

SANTOS, B. **A Crítica da Razão Indolente**: contra o desperdício da experiência. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

SOUZA, R.; GIROTTTO, C. A leitura do texto literário: entre a sala de aula e a biblioteca escolar. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL BIBLIOTECAS PARA A VIDA, 2., 2009, Évora. **Anais...** Évora: CIDEHUS/EU, 2009. p. 379-395.

TAPSCOTT, D. O mundo da geração Net. **Digital**. Vol. 0. Disponível em: <<http://www.centroatl.pt/edigest/digital/edicoesd/di0cap1.html>>. Acesso em: 13 abr. 2009.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

WENGER, E. **Communities of practice a brief introduction**. Disponível em: <http://www.ewenger.com/>. Acesso em: 15 mar. 2009.

ZILBERMAN, R.; SILVA, T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1989.